GORDOFOBIA / Aumento de processos judiciais por casos de preconceito contra o corpo gordo evidencia o espaço ganho pela pauta nos últimos anos. Empoderamento e autoestima permeiam o debate, inclusive no mundo corporativo

Na medida da justiça

» MICHELLE PORTELA
» ISABEL DOURADO*
» RAPHAEL PATI*

Mais do que mero preconceito, a gordofobia — junção dos termos "gordo" e "fobia" (medo ou aversão, em latim) — se tornou um problema para a sociedade e uma pauta recorrente nas redes sociais, onde as vítimas denunciam a violência sofrida. O debate, que antes costumava ser apenas sobre saúde, leva a batalhas mais complexas, inclusive com trabalhadores que recorrem à Justiça para garantir o direito de existir como bem entenderem.

Os comentários indesejados um dia encontraram resposta com a assistente de Recursos Humanos Valeska Macedo, de 35 anos. Ela acaba de vencer uma ação movida no Tribunal de Justiça do Distrito Federal, pela qual foi indenizada em R$ 12 mil pela empresa de ônibus Viação Piracicabana, após ter sido constrangida pelo cobrador e o motorista na capital federal.

"Vamos deixar claro que nunca foi pelo dinheiro, mas pelo constrangimento e pelo desapontamento pelo qual passei e por que nem todo profissional tem a mesma postura e respeito pelos usuários do serviço público", explica Valeska. "Sou muito feliz como eu sou, mas chega uma fase em que as coisas vão se dificultando, pois o preconceito da sociedade é muito grande", explica.

> **Sou muito feliz como eu sou, mas chega uma fase em que as coisas vão se dificultando pois o preconceito da sociedade é muito grande"**
>
> ***Valeska Macedo,*** *35 anos*

A 5ª Turma Cível do TJDFT manteve, por maioria de votos, a condenação que obriga a empresa de transporte a pagar por danos morais. Valeska estava acompanhada do irmão de oito anos e, após pagar a passagem, pediu ao cobrador que girasse a roleta e autorizasse seu embarque pela porta traseira (de desembarque), algo comum a passageiros que sofrem de obesidade e têm dificuldade de atravessar a catraca.

De acordo com Valeska, o cobrador negou a solicitação, assim como o motorista. "Os dois foram sarcásticos, mesmo após a intervenção de outros passageiros", explica a vítima, que foi obrigada a fazer toda a viagem em pé, pois os demais assentos estavam ocupados por idosos. Além disso, passou todo o percurso preocupada com o irmão menor que ficou sozinho na parte traseira do ônibus.

Diante da situação, a assistente conta que ficou "desnorteada, triste e constrangida", e diz que a família a aconselhou a processar a Viação Piracicabana, responsável pelo transporte no caso. "Todos ficaram revoltados no dia, me incentivando a processar a empresa e lembro que, na época, falei que não iria, pois não ia adiantar nada."

Valeska não perdeu peso, mas ganhou coragem, bem como Mariana Mussi dos Santos Infanti, produtora cultural de 28 anos, cineasta e diretora do documentário *Gordos não vão para o céu — qual o poder de escolha de uma pessoa gorda?*. Mariana já enviou mais de 300 currículos, mas nunca obteve retorno.

"Nunca tive meu primeiro emprego com carteira assinada", explica a produtora. "Somente agora tive a oportunidade de ser eleita para o Conselho de Cultura da Prefeitura de Santos, mas não tenho uma cadeira adequada para trabalhar", explica, ao ressaltar que o preconceito é um acompanhante da vida toda. "O documentário foi o meu trabalho de conclusão de curso. Durante a apresentação, fui duramente criticada por pessoas que colocaram em xeque a valia do tema e se a minha história era importante", relata.

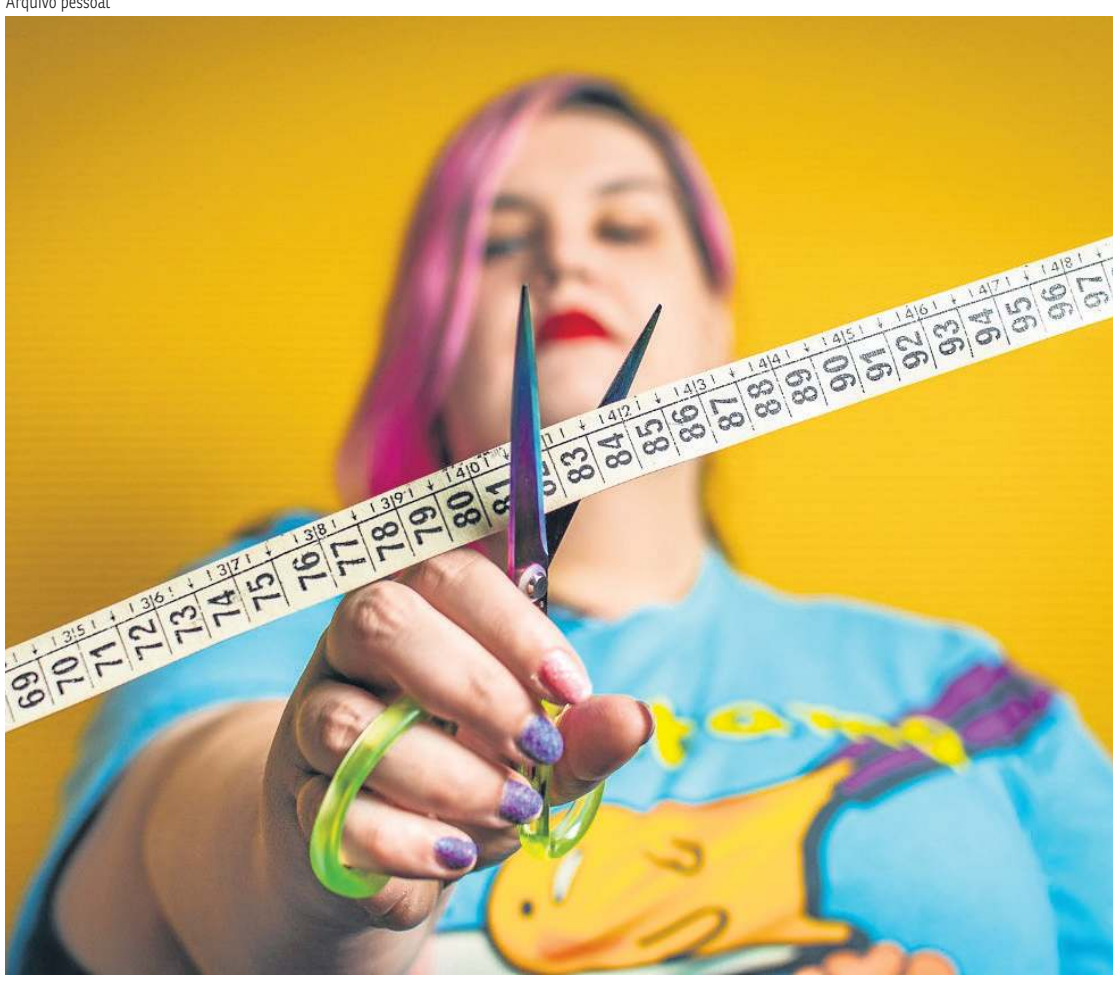
Sem um trabalho remunerado de carteira assinada, Mussi precisa ser criativa. Nos últimos anos, criou o site *GeekBlast.com.br* e foi revisora da *GameBlast*, uma revista eletrônica, ambos os ambientes virtuais dedicados à cultura nerd. "Mas todos voluntários. Inclusive, uma das participantes do documentário é jornalista, na faixa dos 40 anos, e nunca teve seu primeiro emprego."

A jornalista amazonense Marice Rocha experimenta uma realidade diferente aos 41 anos, noiva para o primeiro casamento. "Quando vejo pessoas falando da idealização de corpos perfeitos, acho tão pequeno ignorar a essência do ser em relação ao ideal de corpo. Sou uma mulher preta e gorda. A autoestima não foi um processo criado com os aprendizados da vida. Desde que me entendo por gente, tive uma relação de amor comigo mesma", ressalta.

Marice conta que o amadurecimento a deixou mais fortalecida e empoderada, até em relação ao que vestir. "Nunca fui das cores sóbrias, sempre gostei do colorido, do estampado, do biquíni, do sexo com luzes e espelhos e evolução nas pistas de dança. Se isso, de alguma forma, incomoda alguém, o problema é desse alguém e não meu. Simples assim!."

***Estagiários sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza**

Arquivo pessoal



A produtora Mariana Mussi teve dificuldades no mercado de trabalho por conta de suas medidas

ENTREVISTA / Malu Jimenez

Malu Jimenez é gorda, filósofa feminista, doutora em Estudos de Cultura Contemporânea e autora do livro Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos.

O que é gordofobia?

A gordofobia é um preconceito contra as pessoas gordas, é um estigma estrutural cultural e está institucionalizado em todas as esferas sociais. Acontece na família, na igreja, na universidade, na escola, no mercado de trabalho, na saúde, está presente em todos os lugares. A forma que a gente pensa e se organiza e constrói conhecimento é gordofóbico.

Dados do TST apontam que aumentou o número de processos contra empresas por gordofobia. Qual a sua visão a respeito?

A discussão sobre gordofobia vem aparecendo cada vez mais. Esses processos são muito importantes para dar visibilidade e mostrar para a sociedade que esse tipo de preconceito atrapalha as pessoas no mercado de trabalho.

Qual a forma que a senhora mais observa de comportamentos gordofóbicos dentro das empresas?

A gordofobia no mercado de trabalho atrapalha em diversas camadas. Desde a pessoa que está procurando emprego… A maioria da população gorda no mundo e no Brasil são mulheres pretas e periféricas, que têm dificuldade para chegar até o emprego. Primeiro, no transporte público, encontrar uma roupa, de chegar em uma entrevista e ter uma cadeira confortável em que ela possa sentar, então, são diversas camadas. Tem os uniformes nas empresas, a forma como as pessoas que contratam percebem o corpo gordo por causa do estigma da gordofobia como pessoas doentes, preguiçosas, que sempre acabam não sendo selecionadas para as vagas de emprego.

Por que a gordofobia é tão presente no ambiente de trabalho?

A gordofobia é um estigma cultural. Infelizmente, ainda se tem essa visão de que as pessoas gordas passam o dia em casa no sofá vendo televisão e comendo fast-food. Na verdade, essas pessoas estão lutando para sobreviver e até buscar um emprego.

As empresas já têm buscado adotar ações para repudiar a gordofobia no ambiente de trabalho?

Eu não conheço empresas que tenham ações efetivas contra a gordofobia. A gente tem que começar mostrando às pessoas o que é a gordofobia, que ela existe, que ela acontece, como ela impacta as pessoas gordas. Informação, cursos para os funcionários e para toda equipe de uma empresa sobre gordofobia são muito importantes. A gordofobia sempre ocorreu no ambiente de trabalho. Agora as pessoas estão falando sobre isso, estão denunciando ao Ministério Público do Trabalho e estão ganhando causas. Acredito que está ocorrendo uma maior visibilidade porque, quando você não ouve falar e não conhece, a tendência é naturalizar a violência. Mas, quando a gente começa a ver notícias e pessoas falando sobre isso, a gente percebe que isso não está certo e amplia-se um debate.

Como foi o processo de escrever um livro sobre o assunto?

O meu livro é resultado do processo de um doutorado de cinco anos na UFMT. Eu me dediquei a entender a gordofobia, que acontece desde muito cedo na vida das pessoas, desde a infância, na adolescência, na fase adulta e é muito repetitivo. Foi essencial para entender o que acontecia até comigo e compreender como é um processo violento viver na sociedade sendo uma pessoa gorda.

Mercado de trabalho

O Tribunal Superior do Trabalho (TST) registra aumento considerável do número de pessoas contra empresas por causa da gordofobia. Há 414 processos tramitando na Corte, dos quais 328 deram entrada nos últimos dois anos.

Apesar de o Brasil não ter uma lei específica para punir quem pratica gordofobia, fica claro na Constituição brasileira que ninguém pode sofrer discriminação por nenhuma característica ou questão pessoal. O trabalhador que sofre qualquer tipo de preconceito no ambiente corporativo pode ter direito à indenização por dano ou assédio moral.

O caso de Valeska, que foi constrangida quando usava o transporte público para ir ao trabalho, levou a assistente de RH a questionar o treinamento recebido pelos profissionais. Valeska sugere que os motoristas e cobradores participem de cursos para fortalecer o caráter humano. "Seria muito bom se eles tivessem um treinamento sobre direitos e deveres, leis e diretrizes e também uma aula de humanidade", aconselhou a assistente.

Rayane Souza, ativista contra a gordofobia, e a advogada Mariana Vieira se juntaram com o intuito de combater a gordofobia e desenvolveram o projeto Gorda na Lei. Segundo a ativista, as pessoas gordas sofrem diversos empecilhos e esbarram em barreiras não só sociais como também estruturais. No mercado de trabalho, Rayane destaca que é preciso considerar dois pontos que dificultam o combate do preconceito.

Ela ressalta que pessoas gordas têm uma dificuldade muito grande de conseguirem empregos. "O corpo gordo, por muitas vezes, é associado à preguiça, e estes estereótipos só reforçam o preconceito diminuindo, assim, a chance de contratação." Cientes da dificuldade de contratação, essas pessoas têm medo de retaliações ou demissões, caso combatam a gordofobia, e acabam se calando.

"É urgente frisar que a gordofobia no ambiente de trabalho enseja ações trabalhistas. Temos visto que a cada dia o judiciário, quando demandado, tem entendido gordofobia como assédio moral e condenado esta conduta."

Outro aspecto citado pela ativista é a importância de que as empresas tenham uma ouvidoria, preparada não só para acolher como caminhar junto ao funcionário e um código de conduta proibindo expressamente a prática de preconceitos.

CARNAVAL

Grande Rio leva pombagira para a avenida

Na noite de sábado, a Acadêmicos da Grande Rio levou para a Sapucaí um samba-enredo em homenagem a Exu, o primeiro dos orixás. Rainha de bateria, a atriz Paolla Oliveira foi vestida de pombagira, considerada a representação feminina de Exu. A escola encerrou a apresentação aos gritos de "é campeã". O desfile foi parar nos assuntos mais comentados do Twitter. A escola também contou com a presença de diversos famosos. Além da rainha de bateria, o namorado dela, Diogo Nogueira, também desfilou, e os ex-BBBs Gil do Vigor, Camilla de Lucas e Pocah.

O samba-enredo *Fala, Majeté! Sete chaves de Exu*, de Gabriel Haddad e Leonardo Bora, destacou a bondade de Exu e buscou alertar para o equívoco de associar a imagem da entidade com algo ruim. Exu veio representado pelo ator Demerson D'Alvaro.

Exu é o orixá que faz a comunicação entre os humanos e as divindades, tanto para a Umbanda quanto para o Candomblé. Já a pombagira é representada por uma mulher sensual e independente. Ela é considerada uma mensageira entre o mundo dos humanos e o espiritual.

São Paulo

Na capital paulista, o domingo de sol animou foliões, que aproveitaram os blocos de carnaval fora de época. Milhares estiveram presentes no Acadêmicos do Baixo Augusta, no Vale do Anhangabaú, e também na Charanga do França, no bairro de Santa Cecília, entre outros grupos que animaram o domingo.

O Acadêmicos do Baixo Augusta contou com uma grande estrutura feita pela própria organização para receber 20 mil pessoas. Foram contratados mais de 300 seguranças e 60 bombeiros. Bares e banheiros químicos foram montados no espaço.

Rainha de bateria do Baixo Augusta, a atriz Alessandra Negrini usou uma fantasia inspirada no tema *Rainha dos Espelhos*. "Pensamos em algo que remetesse a um futuro mais iluminado, mais alegre, mais feliz", disse.

Já o Charanga do França precisou de medidas paliativas para organizar seu desfile sem o apoio da Prefeitura. Por meio das redes sociais, o grupo lançou uma campanha para receber doações. De acordo com o último balanço, pouco mais de R$ 8 mil haviam sido arrecadados.

Mauro Pimentel/AFP

Paolla Oliveira é rainha de bateria da escola de samba